

FRONTEIRA CIBERNÉTICA

CONTOS - VOLUME II

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

A esfera, por Ademir Pascale, pág. 05

Isaac, por Ademir Pascale, pág. 09

Souvenir, por Bert Jr., pág. 15

Rapsódia em janeiro, por João Gomes Moreira, pág. 24

O horror marciano, por Ney Alencar, pág. 28

Lembre-se de loomis o quarto, por Ney Alencar, pág. 34

Por amor a Nabel Kar - Parte I, por Roberto Schima, pág. 39

Por amor a Nabel Kar - Parte II, por Roberto Schima, pág. 45

Conheça outros títulos da coleção, pág. 54

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale

E-mail: ademirpascale@gmail.com

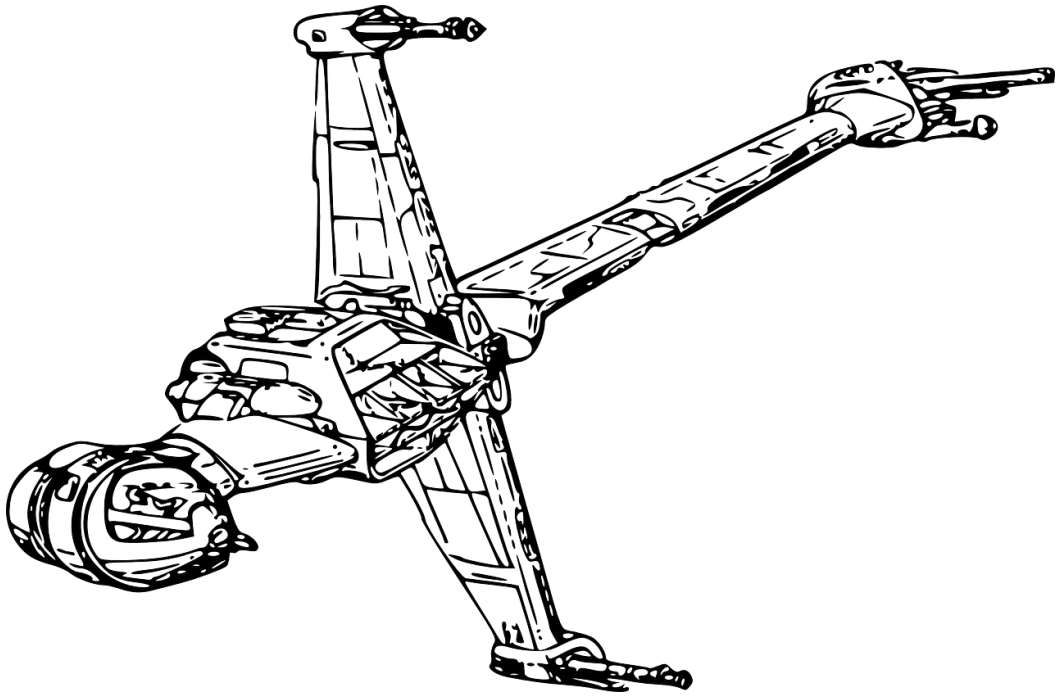
VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura





A mágica está apenas no que os livros dizem, como eles costuraram os remendos do universo em uma peça de roupa para nós.

— Ray Bradbury



APRESENTAMOS O CONTO

A ESFERA

Por Ademir Pascale

Sobre o autor: Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. É fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Organizador do livro "Possessão Alienígena", pela Editora Devir. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem e autor convidado do livro "Aquela Casa", Editora Verlidelas. Criador e organizador de quase 50 antologias. E-mail: ademirpascale@gmail.com

Antes do início, tudo era um grande vazio, escuro e sem vida. Mas apenas para o conhecimento humano, pois depois da imensidão desértica do universo, incríveis seres faziam morada num imenso planeta sem cor, possuidores de uma tecnologia tão avançada, que não existiam palavras que a descrevesse. Deuses. Sim, eles eram deuses. O conhecimento sobre o tempo não existia e nem eles próprios sabiam como surgiram. Mas ninguém estava acima deles e nada os ameaçava, nem mesmo a própria morte.

Entre eles, existiam deuses adultos, homens e mulheres. Mas também havia crianças, destacando um deus-menino chamado Ramurak.

Ramurak era filho de Hamutá e Ranub, um dos mais respeitados deuses. Alguns diziam que ele, Ranub, tinha sido o primeiro do seu povo. Outros arriscavam-se a dizer que ele era o próprio criador de toda a sua poderosa raça. Ele sabia que não era o criador e que esse assunto estava acima da sua compreensão, mas sabia que o seu único filho Ramurak, era diferente dos outros deuses, pois era o único que possuía sentimentos.

Hamutá, a deusa-mãe, não compreendia os sentimentos do filho e quase sempre rejeitava suas curiosas ideias. Ranub, embora não os possuísse, sabia o que eram esses sentimentos: algo muito perigoso para a sua raça de deuses. Mesmo assim, pai e mãe mantiveram segredo sobre a diferença do filho para com os demais.

Isolado das outras crianças que mais se pareciam com adultos, ganhou dos pais, para se distrair, uma pequena esfera, através da qual, visualizava todas as cores, algo inexistente em seu planeta.

E com a palma da mão virada para cima, o pequeno deus deixava a esfera flutuar.

Inicialmente, foi uma grande diversão. Mas depois o brinquedo tornou-se enjoativo. E em uma pequena nave incolor em formato de esfera, numa das viagens com seus pais pelo deserto do universo em busca de mais conhecimento, Ramurak, cansado de não ver nada diferente, distanciou-se e, numa pequena distração de Hamutá e Ranub, num estalar de dedos, criou o que é chamado hoje pelos cientistas de *Big Bang*, o início do desenvolvimento do universo. Hamutá, percebendo o que o filho fizera, fez sinal de desaprovação. Ranub olhou sério para o filho e depois para a sua criação, enxergando o que aquilo viria a ser: milhares de galáxias com bilhões de planetas habitados. Ele olhou mais uma vez para o filho e, pela primeira vez, em sua vida eterna, aprendeu o que era felicidade. A mãe, vendo a cena, acabou compreendendo que o filho acabara de fazer algo grandioso.

A viagem pelo deserto do universo tinha valido a pena, pois ambos aprenderam muito.

Enquanto retornavam para o seu planeta, os dois, pai e mãe, seguravam, um de cada lado, as mãos do filho, e enquanto conversavam, souberam que um dia ele faria algo ainda maior.

A única coisa que eles não perceberam foi que o brinquedo do filho, a pequena esfera flutuante, ficara para trás. E ela vagou e presenciou a formação do universo, sua expansão enquanto tomava enormes proporções por muito, muito tempo...

Com o passar dos milênios, uma crosta rochosa foi surgindo em torno da esfera, tornando-a um meteoro com mais de oito quilômetros, viajando numa velocidade aproximada de setenta e dois mil quilômetros por hora, passando por incontáveis estrelas e planetas, sentindo a força vital de cada um deles, presenciando o nascer e o morrer, através de destruições naturais e incontáveis guerras.

A esfera, mesmo sendo um ser inanimado, precisava encontrar um destino, um lar que lhe acolhesse e preservasse a existência, mesmo ela desconhecendo qualquer coisa que pudesse destruí-la, pois fora criada por Hamutá e Ranub, pais de Ramurak, o Criador de toda a vida existente no universo. Aquele Ser que simplesmente chamamos de Deus.

Ela vagou e notou poucos planetas que lhe agradaram. Mas um era especial, devido à sua exuberante cor azul.

Sim, depois de vagar por bilhões de anos, ela finalmente encontrou o seu destino: o planeta Terra.

O impacto foi devastador, liberando uma energia descomunal, comparada a um milhão de bombas atômicas. O ser, chamado Esfera, não pretendia ter causado tamanho caos, mas acabou gerando a destruição de inúmeras espécies, pois a sua queda causou incêndios, chuvas ácidas e a liberação de gases, poeira e partículas de carboneto, bloqueando a luz solar e gerando uma drástica queda de temperatura na superfície do planeta. Com o passar dos anos, apenas os seres mais resistentes sobreviveram.

A Esfera, fora do seu rochoso casco, vagou solitária pelo nosso planeta e vislumbrou, aos poucos, como ele se reerguia, novamente ganhando vida.

O tempo passou e a Esfera, cansada de vagar a esmo, encontrou morada numa pequena caverna. Ali ela estaria protegida. E mesmo sendo considerada um brinquedo nas

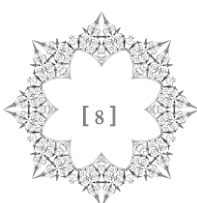
mãos de um deus-menino, era a criação de dois poderosos deuses. De certa forma, ela sabia que deveria ficar ali naquela caverna e esperar.

Esperar por alguém que precisasse dela. Esperar por alguém que a possuísse. Pois ela nasceu apenas para servir. Esta era a sua função.

E ela esperou solitária nas trevas de uma simples cavidade rochosa.

Ela, que vislumbrou o nascimento do universo. Ela, que presenciou nações inteiras sucumbirem pela ganância de seus líderes. Ela, que esteve presente no momento fúnebre da morte de milhares de estrelas. Ela, que agora adormecia esperando apenas que algo ou alguém a encontrasse.

Até o dia em que ela percebeu que não estava só: o som de crianças brincando no lado exterior da caverna a despertou do transe. Finalmente chegara o momento de mostrar para o mundo que ela existia. E que um dia esteve nas pequeninas mãos do Grande Criador de todas as coisas.





APRESENTAMOS O CONTO

ISAAC

Por Ademir Pascale

Sobre o autor: Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura. Participou em vários livros, tendo contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. É fã dos heróis da Marvel, ama pizza, séries televisivas, moedas antigas e HQs. Organizador do livro "Possessão Alienígena", pela Editora Devir. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe", pela Editora Selo Jovem e autor convidado do livro "Aquela Casa", Editora Verlidelas. Criador e organizador de quase 50 antologias. E-mail: ademirpascale@gmail.com

Caminhando pelas sombras, ele fugiu para o deserto. Não pelo odor da carne podre dos seres humanos, nem pelos vermes que infestaram as ruas de sua cidade. Ele não sentia cheiro, tampouco nojo de seres rastejantes, mas apreciava uma boa e inteligente conversa, algo que não gozava desde a quase extinção dos seres humanos.

Muitos sucumbiram pelo calor excessivo, outros pela falta de água e alimentos. Somente os mais fortes resistiram. Mas foram poucos. *Ele* vivia sozinho, diferente *deles*, que andam em bandos como cães em busca de um pedaço de carne ou osso para roer. *Ele* apenas os observava, até o momento certo para agir...

2034. NOROESTE DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Eles esqueceram de seus antigos deuses. Passaram a reverenciar a estátua profana de um homem com cabeça de bode em posição de xamã. Este se tornou o novo deus dos homens que sobreviveram à catástrofe global.

Mas *ele* é diferente. Não reverencia deuses. Não segue líderes. Tem seus próprios planos e não foi consumido pela fome, doença ou solidão. Hoje o seu passatempo é observar a escassez do homem — não que ele goste disso. A fraqueza daqueles que um dia foram ricos em bens materiais, mas que hoje sucumbiram às necessidades mais simples.

Seu nome é Isaac. Diferente dos seres humanos que restaram, *ele* tem inteligência e força suficiente para carregar um rifle, um 38 carregado na cintura e uma pesada mochila cheia de munições e equipamentos, algo raro, pois as armas usadas hoje são rústicas, como machados e lanças.

Paciente, apenas observava os passos nus dos homens, que à noite reverenciavam o deus bode. Os velhos e doentes eram sacrificados em nome do novo deus, mas apenas o sangue era ofertado, pois dividiam a carne humana entre os membros do grupo.

A ciência fora esquecida, assim como a tecnologia e qualquer outro sinal de racionalidade. Era como se o mundo retrocedesse milênios.

Isaac sabia poder tirar proveito disso, mas precisava observar mais antes de iniciar seus planos miraculosos.

E do alto da colina, ele aguardou a noite cobrir o descampado. Deram início ao ritual macabro. Uma grande fogueira fora acesa no centro, e a imagem do deus profano deixada em destaque em cima de uma pedra, para que todos vissem a feição inumana daquele ser diabólico. Outros grupos chegaram. Cerca de oitocentas pessoas em total delírio. Uma criança, uma menina de aproximadamente cinco anos de idade, fora empurrada com violência para perto da fogueira que ardia em chamas. Seu semblante estava luminoso pelas lágrimas, como se já soubesse qual seria o seu destino. Homens e mulheres gargalhavam, enquanto outros escancaravam seus dentes apodrecidos.

O líder do grupo principal, o guardião da estátua demoníaca e o mais forte e feroz dos homens, agarrou a criança e rasgou com fúria os trapos que cobriam sua genitália. O grupo entrou em alvoroço. Uma mulher tentou antecipar o que fariam em instantes, puxando o braço da menina, tentando arrancar um naco de carne com seus dentes pontiagudos. O líder a chutou com violência. Ele seria o primeiro a degustar daquela carne macia e nada, nem ninguém, deveria desacatá-lo.

A imagem do deus bode, mesmo imóvel, parecia observar a selvageria daqueles homens que, por instantes, se calaram quando o líder levantou o braço o mais alto que pode. Depois agarrou a menina pelos cabelos e a ergueu perante a imagem. Tirou uma machadinha da cintura e emitiu sons tão terríveis que fez até o mais frio daqueles homens estremecer.

A menina seria decapitada e o seu sangue derramado sobre a imagem do deus profano. E depois do líder se deleitar com a carne crua da garota, os seus restos seriam consumidos pelos outros selvagens.

Isaac sabia que não era o momento certo para agir.

Mas ele odiava seguir regras, mesmo se fossem as suas próprias.

Ele posicionou seu rifle de precisão. Mirou certamente na cabeça do líder e tentou contar até cinco:

1, 2...

BANG

Ele semicerrou os olhos e continuou na mesma posição ao ver a cabeça do líder explodindo e seu corpo tombando, a criança viva e intacta.

E para garantir a segurança da garota, alvejou mais dois selvagens, pois tinha a plena certeza que os carniceiros a esqueceriam e brigariam pela carne dos mortos.

Deu as costas satisfeito, mesmo sabendo que praticamente nada mudaria. Mas salvou uma vida inocente e isso já era o bastante.

Pelo menos por enquanto...

O ESCONDERIJO DA SANIDADE

Era manhã. Abriu os olhos após algumas horas naquela mesma posição. Já de pé, foi verificar o seu rebanho de cabras, um dos poucos animais que restaram no mundo, pois os caprinos são resistentes e se adaptam com facilidade a condições extremas. Isaac possuía mais de duzentas cabeças. Na realidade duzentas e vinte e três. Os selvagens jamais descobririam o seu esconderijo no meio da caatinga cercada por imensas pedras e armadilhas.

O que Isaac tinha em abundância, além de alimento, era conhecimento. Ele sabia que não poderia oferecer a carne aos selvagens naquele momento. Seria preciso domesticá-los. Ensinar os bons modos e impor regras, mesmo não gostando delas.

O plano já estava traçado e só havia uma maneira de fazê-los entender o que ele realmente queria. Torná-los melhores seria um longo trabalho. Mas no final valeria a pena.

Isaac sentou-se próximo ao rebanho e retirou da mochila uma faca. Permaneceu com ela na mão durante horas, até o anoitecer.

Acendeu um lampião e fixou um pedaço de espelho numa árvore seca. Olhou-se fixamente nos olhos. Um olhar frio e sério. Levantou o braço até a altura do pescoço e encostou a faca nele. Fez um pequeno orifício. E num movimento rápido e preciso fez um corte reto de 180 graus.

Isaac não esboçou expressão e nenhum sangue foi derramado.

Atirou a faca no chão.

Olhou-se novamente no espelho, agora fixando os olhos no recente corte. Com o auxílio dos dedos das duas mãos, puxou a pele sintética que cobria o seu rosto.

Agora o que Isaac via no espelho eram circuitos num rosto humanóide.

Isaac não era humano, mas um androide robótico de primeira linha. Sua bateria interna recarregável poderia durar quase para sempre. Ele foi o único de sua espécie, um segredo de estado que sobreviveu mais do que seus próprios criadores.

Em sua memória, mantinha armazenada toda a história da humanidade. Todas as línguas. Todas as ciências e todas as noções de medicina, robótica, botânica, arquitetura, artes marciais, culinária, tudo.

Isaac era mais perfeito do que o próprio homem. E seria ele a salvação dos humanos que restaram em nosso planeta.

Ele pegou apenas a faca, escondendo as armas e a mochila cheia de munições, e caminhou lentamente, passando por labirintos e armadilhas e escalando rochas, até chegar na reunião noturna dos selvagens canibais. O deus profano estava lá, enegrecido pelo sangue derramado em anos de carnificina, apenas observando a loucura dos homens em desespero. Homens que deixaram para trás, num momento bem distante, a sanidade, cordialidade, generosidade e os bons costumes. Hoje não passam de seres viventes em busca de alimento. Homens capazes de cometer qualquer atrocidade por um pedaço de carne.

Isaac desceu a colina e aguardou, escondido, o momento certo para agir.

O novo líder guardião da imagem ordenou aos seus lacaios que trouxessem as oferendas. Hoje seriam duas anciãs sacrificadas e ofertadas ao deus bode.

Isaac era um instrumento da paz, mas estava sempre pronto para enfrentar uma guerra. E este foi o motivo para deixar as armas em seu esconderijo, pois desta vez ele usaria outros meios para atingir seu objetivo: iniciar a pacificação e educação daqueles seres humanos, para que num futuro distante tudo volte a ser como era antes, ou até melhor, pois ele saberá tratar o assunto com destreza para que os erros do passado nunca mais retornem.

Despiu-se. Com a faca em punho, fez um corte horizontal do pescoço até abaixo do umbigo. Em seguida, retirou toda a sua pele sintética e caminhou sentido à multidão de canibais que festejavam o sacrifício humano que aconteceria em poucos instantes.

Poucos passos o separavam daqueles homens.

Aquele seria o primeiro contato.

Isaac predeterminou o que aconteceria. Se tratando de selvagens canibais, o contato direto seria um grande risco, mas uma certeza ele tinha: não seria consumido.

Agora estava mais próximo. Se tivesse um coração naquele peito de metal e máquina, certamente estaria acelerado ao extremo. Os primeiros selvagens notaram sua presença e foram abrindo caminho, curiosos e boquiabertos.

Isaac caminhou até próximo a estátua do deus profano. O líder guardião ficou indeciso sobre o que fazer, até que a imagem demoníaca foi atirada pelo androide com violência na grande fogueira.

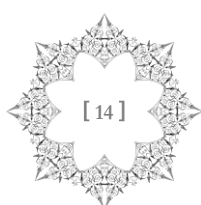
E em cima da grande pedra, local onde ficava a estátua, Isaac permaneceu imóvel para que todos ali notassem a composição do seu corpo cor de prata. Até esticar o braço para o céu e gritar:

— Eu sou o seu novo deus e a mim vocês deverão obediência.

Mesmo sem entender a língua portuguesa, uma língua já extinta, eles sabiam que a figura humanóide estava no lugar do antigo deus e todos, sem exceção, ajoelharam perante ele, agora o deus vivo.

As cerimônias macabras e toda a carnificina acabariam ali. Isaac implantaria uma nova ordem mundial e reeducaria os seres humanos. Ensinaria também o cuidado com o rebanho de caprinos, assim como multiplicá-los. E aos poucos criaria uma nova tecnologia em redes de comunicações, diferente da que foi destruída pela radiação solar.

Seriam muitas décadas ou até centenas de anos para concretizar a construção do novo mundo. Mas isso não é nada para Isaac, o novo deus dos homens na Terra.





APRESENTAMOS O CONTO

SOUVENIR

Por Bert Jr.

Sobre o autor: Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS transferiu-se para Brasília, a fim de cursar Diplomacia no Instituto Rio Branco. Em sua experiência como diplomata já esteve em diversos países. Escreve poemas e contos, havendo publicado Fict-Essays e contos mais leves, seu livro de estreia na ficção, no final de 2020. Também compõe músicas e letras, considerando-se um "violonista amador intermitente". Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.

Bioesdruxologia não ser propriamente uma profissão se compreende, mas que não seja sequer considerada como especialidade no Brasil, isso sim era frustrante. Rildo já deixara, havia tempos, de dar asas às frustrações, apenas tratava de tragá-las feito adagas em chamas, sedado por fluidos alcoólicos. Afinal, já iam longe os dias em que fora destacado para uma capacitação de seis meses no estado do Novo México, numa instalação militar secreta para onde os gringos haviam levado o ET de Varginha. Essa tinha sido uma das condições do Comando do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas brasileiras para que se cedesse à potência estrangeira o espécime alienígena capturado. Ao término do “curso”, se é que assim se podia chamar aquela experiência, regressara ao País para ser imediatamente promovido a major. Ao menos a promoção rápida lhe trouxera algum tipo de recompensa, embora isso fosse agora o que menos lhe importava.

Passado à reserva havia pouco, cuidava de dar comida ao cachorro, no pequeno gramado atrás da casa, quando o celular vibrou no bolso da bermuda.

— Bom dia, coronel, o senhor está em Brasília? — indagou alguém, que se identificou como assistente do chefe da divisão de Incidentes Aeroespaciais (DINCA) do ministério da Aeronáutica.

Como de fato estava, foi convocado para apresentar-se imediatamente na sede do órgão. O diretor do departamento de Ocorrências Aeroespaciais (DOA), ao qual se subordinavam a DINCA e a divisão de Acidentes Aeroespaciais (DACA), o aguardava em seu escritório. Rildo logo intuiu que o tom de urgência da convocatória, bem como seu caráter de relativa exceção, por dirigir-se a militar da reserva, se relacionavam com o fato de ser ele o único bioesdruxólogo brasileiro reconhecido como tal pelo alto oficialato. E mesmo que houvesse outro, sua formação seria muito diferente. A de Rildo, além de incrivelmente intensiva, se distinguia pelo benefício da mais improvável das oportunidades: a de ter podido travar, ao longo de meses, um contato imediato de terceiro grau com uma forma de vida alienígena.

Aguilhado por uma curiosidade aguda, e movido pelo inquebrantável senso de dever do bom militar, Rildo extraiu a farda azul de dentro do guarda-roupa, tirou o pó dos sapatos e rumou para a Esplanada dos Ministérios. Lá o esperava o coronel Zéfiro, chefe do poderoso DOA, um forte candidato à patente de brigadeiro. Sem chá de cadeira nem

salamaleques, Rildo foi acomodado à mesa de reuniões em frente ao chefe da DINCA, major Teteco, também seu conhecido.

— Serei direto, doutor Rildo — falou Zéfiro, fazendo questão de enfatizar a formação médica do convocado. Há um indivíduo alienígena sob nossa guarda, que está sendo mantido em local sigiloso. Até o momento, não conseguimos contato informativo com ele. Precisamos de sua expertise para fazer o assunto evoluir, antes que a notícia vaze e os gringos comecem a pressionar.

Rildo não disfarçou a surpresa. Cerca de 25 anos depois do episódio de Varginha, mal havendo ele passado à reserva, eis que surgia um novo caso de captura de extraterrestre em território nacional, e, por primeira vez, a experiência adquirida durante sua “residência” no Novo México poderia vir a tornar-se útil.

— Claro, coronel, conte comigo no que puder ajudar. Se não for impertinência minha, gostaria de saber em que circunstâncias o indivíduo alienígena foi identificado e capturado.

— Bem — disse Zéfiro, reticente — peço ao major Teteco para informar sobre os pormenores.

Teteco passou a mover os lábios finos, que copiavam as linhas gerais do corpo, a fim de explicar que o suspeito havia sido identificado num Shopping Center. O que chamara a atenção de um dos seguranças do andar fora o fato de o indivíduo estar infringindo as normas sanitárias da pandemia de Covid-19 ao passear sem máscara em meio ao público. Abordado pelo segurança, alegou haver-se esquecido da máscara. Na verificação de sua temperatura corpórea, o termômetro cravou 15 graus Celsius. O teste foi repetido quatro vezes, sempre com o mesmo resultado. O indivíduo afirmou que aquilo era normal, pois havia acabado de tomar um sorvete. Ante tal explicação, o agente de segurança sentiu-se confuso e soltou o braço do suspeito, que escapuliu pelo corredor do Shopping. Graças ao reforço de outros dois seguranças, acionados por rádio, os agentes conseguiram bloqueá-lo e dominá-lo. Devido à hipótese de que pudesse tratar-se de cidadão estrangeiro, já que o detido se negava a dar qualquer explicação quanto à sua origem e identidade, a Polícia Federal foi contatada. Intrigada com o caso, a PF acionou a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), que requisitou a colaboração da DINCA, famosa por cuidar de casos esdrúxulos, os quais incluíam relatos de supostos avistamentos de Ovnis, bem como alegados contatos com extraterrestres. Por fim, a DINCA ganhara o

comando da investigação, com base num acordo em que ficava obrigada a compartilhar informações com a ABIN.

— Em síntese é isso — concluiu Teteco.

No caminho para as instalações militares, Rildo ia recordando o que dissera Teteco sobre as razões para a detenção do suspeito e sua manutenção em área de segurança nacional. Segundo o chefe da DINCA, o indivíduo havia, desde o princípio, revelado habilidades fora do comum. Primeiro, o fato de haver confundido o segurança do Shopping com aquela história de que um sorvete explicava sua temperatura corporal. Era evidente que algum poder de sugestionamento havia sido empregado ali. Depois, durante os interrogatórios, ele apenas repetira a mesma frase: “guardo aquele que poderá entender quem sou”. Colheram-se amostras de um líquido viscoso, de coloração ocre, extraído do braço do indivíduo, cujo resultado demonstrou não possuir a mesma composição do sangue humano. Exames radiológicos deveriam ser realizados em breve, tão logo houvesse recursos orçamentários para mandar consertar o equipamento do laboratório da base.

Ao sair do veículo oficial, o coronel da reserva recebeu a escolta de dois militares armados, que o fizeram tomar um elevador e descer até o terceiro nível do subsolo. No final de uma sucessão de portas metálicas fechadas, havia uma saleta na qual foi introduzido. O espaço interno estava repartido ao meio por grossa divisória de vidro transparente, com balcão, cadeira e aparelho telefônico de ambos os lados. O vidro descia do teto e terminava poucos milímetros acima do balcão, deixando uma fresta por onde apenas objetos de reduzida espessura poderiam passar. De seu assento, Rildo viu entrar o indivíduo em questão pela porta privativa do lado oposto da sala, vestindo um traje esportivo folgado que disfarçava suas algemas. A porta metálica cerrou-se e ficaram os dois a sós, monitorados por câmeras de segurança.

Rildo avaliou a figura que se acomodava à sua frente. Devia medir em torno de 1.85m, tinha cabelo cor de palha e pele de tonalidade quase idêntica. À primeira vista, seu aspecto era o de um cidadão escandinavo meio anêmico, ou algo do gênero. O corpo longilíneo poderia fazer lembrar um atleta, porém a maneira pouco elegante de mover-se, evocando certa descoordenação, rapidamente eliminava essa ideia. Os olhos, negros e graúdos, não sintonizavam com a aparência geral e pareciam desprovidos de expressão. Rildo levou a mão direita para apanhar o telefone.

— Isso não será necessário — disse-lhe uma voz interna, enquanto suas têmporas começavam a latejar levemente.

“Comunicação telepática”, pensou Rildo.

— Assim, o que dissermos não será registrado — transmitiu a voz. Sei que o coronel sentiu falta de um segundo contato deste tipo.

Concentrando-se, Rildo mentalizou:

— Tem razão. Como posso chamá-lo?

— Me chame de Gábrisson.

O militar não conteve o riso.

— Gábrisson! Que diabo de nome é esse? Por acaso é alguma referência ao anjo da Anunciação?

— Fico feliz que tenha percebido — disse a voz.

— Mas e o sufixo ‘son’, por que o anglicismo? Esse detalhe, aliás, dá um tom um tanto bizarro ao nome, sabia?

A espetada foi devolvida à altura pelo ET.

— Considere-o como homenagem cruzada: aos americanos, por serem tão fixados em nós, e aos brasileiros, que adoram nomes com essa terminação. Além do mais, ser bizarro é parte da nossa imagem no planeta Terra, como bem indica o nome da sua especialidade, bioesdruxólogo, ou *biobizarrecist*, em inglês.

— Vá lá — concedeu Rildo. Seu nome significa, literalmente, filho de Gabriel. Você é algum tipo de mensageiro, Gábrisson?

— *Et voilà!* — exclamou mentalmente a voz, arreganhando os lábios para revelar tão-somente os dentes inferiores, no sorriso mais estranho e chocante jamais visto pelo militar.

Rildo serviu-se da jarra a seu lado e prolongou o gole ao máximo, até esvaziar o copo. Refeito, resolveu ser objetivo.

— Receio que não tenhamos muito tempo, Gábrisson. Por que não me diz o que veio fazer na Terra?

— Antes, gostaria de ouvir suas conclusões sobre o visitante que examinou 25 anos atrás, coronel.

Rildo levou as mãos às têmporas, no duplo esforço de lembrar o passado e filtrar o teor de sua próxima mensagem telepática.

— Não é muito — suspirou. A criatura pouco comunicou-se conosco. Na verdade, escolheu a mim como canal de contato, o que deixou os americanos profundamente irritados.

— Hmm, nada bom para o ambiente de trabalho — opinou Gábrisson, enquanto projetava um bico na boca selada.

— Por certo. Havia uma tensão permanente entre permitir o meu acesso ao ETVg-1996, ou impedi-lo, de modo a forçar o contato com outro membro da equipe. Nunca chegaram a negá-lo totalmente, mas em certos momentos me podaram bastante.

— E o que descobriu sobre o tal ser?

A curiosidade de Gábrisson levou o militar a saborear uma vantagem estratégica temporária.

— Era bem diferente de você — respondeu, enquanto pensava no quão diferentes eram, de fato, os dois ETs em aparência física.

Ao mesmo tempo, Rildo se esforçava por calar sobre os pormenores de sua escolha para a missão no Novo México, em detrimento do candidato do Exército, processo que privilegiara sua especialidade médica: anatomia patológica, o que podia ferir suscetibilidades...

— Também usava telepatia — continuou — mas tinha um repertório limitado de frases, o que tornava a comunicação menos fluida. Passado um tempo, percebi que aquele ser não poderia estar no comando de uma nave espacial, nem de uma missão no solo. Custou, mas deduzi que a criatura correspondia, provavelmente, a uma espécie inferior, trazida para desempenhar algum tipo de papel subalterno numa investigação levada a cabo por alienígenas superiores. Uma outra raça. Talvez a sua, Gábrisson — alfinetou, interrompendo o fluxo de lembranças antes que chegasse à chocante dissecação do espécime, feita sob sedativos.

— Chamamos tais criaturas de Bestoides — revelou o alienígena. São sondas biológicas, similares a laboratórios ambulantes, com certo grau de autonomia. Fuçam e provam tudo o que encontram, a fim de mapear o mundo terráqueo. Os dados são excretados em forma de pastilhas informativas, que nós digerimos para aprender sobre vocês. Na verdade, sabemos sobre vocês muito daquilo que vocês mesmos desconhecem ou não compreendem. As pastilhas liberam mais do que simples análises bioquímicas. Elas nos falam da inteligência inerente a todas as coisas, que captamos num processo simultaneamente analítico e sintético, psicoespiritual, cuja melhor tradução para o seu idioma seria o termo “holístico”. Algo que vocês estão longe de conseguir entender.

— Sei, sabem tanto, que volta e meia são capturados, não é? E se acidentam no Novo México, na Sibéria, onde mais? — retrucou o militar, numa clara provocação.

— Eu sei o motivo pelo qual estou aqui, neste exato momento. E você, coronel, pode dizer o mesmo? — insinuou de volta o alienígena.

Naquele instante, Rildo compreendeu que o passeio sem máscara no Shopping fora algo intencional. Um estratagema do extraterrestre para poder estar ali, junto com ele.

— Desconfio qual seja a sua verdadeira razão para estar aqui. Você deseja colocar as mãos no meu souvenir — enunciou o militar num pensamento enérgico.

Mal terminara de ouvi-lo, Gábrisson aproximou-se do vidro e comandou:

— Remova, discretamente, o que leva guardado no bolso e enfie pela fresta da divisória. Seu pessoal já está estranhando a nossa mudez durar tanto tempo.

Enquanto ouvia a instrução, Rildo sentiu uma pontada aguda perfurar-lhe as têmporas. Entendeu que era melhor cumprir o que lhe ordenava seu interlocutor, sob pena de ver-se transformado em vegetal ali mesmo. Retirou do bolso, com cuidado, a pastilha que protegera durante 25 anos feito joia raríssima e, disfarçadamente, empurrou-a por debaixo da lâmina de vidro para o lado oposto, onde era aguardada por dedos sequiosos. Como num flash, viu Gábrisson abaixar a cabeça na direção das mãos para, conforme deduziu, tragar o pequeno objeto mágico. A seguir, lentamente, o alienígena recostou-se na cadeira, deixando aflorar uma expressão de embevecimento interior.

— Que foi? O que lhe diz o seu mascote extraviado?

Como se não tivesse escutado o pensamento do humano, Gábrisson limitou-se a destilar, telepaticamente: “Então foi isso...”.

Após segundos de pausa, em que não pôde evitar o desenho de um palavrão em sua mente, o coronel ouviu:

— O pequeno B-3 teve sua programação obliterada devido a um choque sensorial.

— Como assim?

— Seguramente, o B-3 aderiu a hábitos alimentares exóticos, que o fizeram desviar do foco de sua missão.

Gábrisson pareceu-lhe, então, submergir em águas alienígenas profundas, de onde emergiu, instantes depois, para ponderar:

— Ou talvez não. Talvez o seu desvio tenha servido ao propósito da missão. Posso sentir o intenso daquela experiência... Os sabores, aromas, texturas, posso senti-los todos, procedendo de cozidos, assados, grelhados... Vejo surgir um rico preparado de feijão mexido com farinha de mandioca, acompanhado de pedaços de carne de porco, vegetais refogados... Pudins...

“Parece uma refeição típica da culinária mineira”, pensou Rildo.

— Há algo mais — acrescentou Gábrisson, com certa aflição. Algo que atraiu o B-3 para o local onde foi avistado. Um pequeno artefato alimentar esférico, de tonalidade amarelada, de uma crocância peculiar...

Sem pestanejar, Rildo exclamou algo em voz alta, rompendo o limite telepático da conversa.

— Pão de queijo! — foi o que os militares ouviram pelo sistema de monitoramento da sala, após quase meia hora de silêncio absoluto. Decidiram, então, interromper a lacônica e misteriosa entrevista.

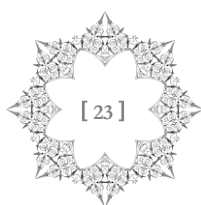
— Nosso tempo está por encerrar-se — afirmou mentalmente o alienígena. Agradeço tê-lo encontrado.

Antes de evadir-se, fez as algemas escorregarem para o chão, como se os pulsos e punhos fossem de borracha. Contra um Rildo perplexo, voltou-se para telegrafar seu trecho final:

— Preservem essas receitas, junto com tudo o que gira em torno delas: alegria, espontaneidade, sinceridade no fluir das boas vibrações. Energia é a chave. Percebo, agora, onde reside o interesse maior em vocês. Esse é o estado holístico possível no nível evolutivo em que a espécie humana se encontra. Se quiserem evoluir, devem fazê-lo a partir daí.

— Então, isso significa que o Brasil tem um papel importante a desempenhar — bradou Rildo, entre afirmação e pergunta.

Gábrisson, no entanto, já havia cruzado um portal invisível, ou coisa que o valha. A resposta ficaria guardada, como souvenir, assim como Rildo guardara consigo a enigmática pastilha durante tanto tempo.





APRESENTAMOS O CONTO

RAPSÓDIA EM JANEIRO

Por João Gomes Moreira

Sobre o autor: João Gomes Moreira, natural de Alto Piquiri, Paraná em 1967. Ele é graduado em Tecnologia em Processamento de Dados. Autor de: Marcador do Tempo, 2007 (coletânea de poemas); Na Baiuca de Longwood, 2010 (coletânea de contos); O Vingador do Sangue, 2016 (Romance). A Ária das Górgones, 2020 (coletânea de contos de ficção científica), 2020. Colaborador do Blog CLFC.

Em plano geral a primeira cena se abre, após (50 segundos) percorrer a mata atlântica do alto. Passa-se a um percurso entre árvores, rios e árvores novamente. Na sequencia se abre uma clareira e novamente se fecha na floresta com um índio correndo freneticamente, empreendendo um exercício de caça a um quadrúpede igualmente portentoso e ágil! Ao fundo uma música tribal de ritmo alucinante! Uma cruz-de-malta brota do centro da tela e expande-se até tomar toda o espaço... e desfaz-se depois liquefazendo-se....

Atendendo ao convite de seu amigo Carlos, M.Cesar foi assistir na casa do amigo ao o primeiro episódio de “*Bandeirantes*” — série original de H.K.Productions. Muito embora o camarada Carlos havia lhe convidado para o que ele chamava *binge-watching*. M. Cesar tornara-se um jornalista no primeiro semestre de 2041, menino-prodígio. Conhecido por sua série de reportagem sobre a *Operação Anjos de Marzagão*. M.Cesar ascendia (décima sexta geração) em linha paterna, direta de Nicolau Barreto, um dos primitivos sertanistas. No século XVI eles penetraram no interior da América do Sul em busca de riquezas minerais, apresamento de indígenas e extermínio de quilombolas. Eles foram responsáveis, em grande medida pela expansão territorial do Brasil além dos limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas. De algumas bandeiras até “*homens-bons*” tomaram parte. Eles falavam o português e a língua paulista que exerceu grande influência na cultura brasileira da região sudeste especialmente na toponímia brasileira, a língua geral meridional legou muitos topônimos brasileiros atuais. Derivada do tupi acabou apropriada pelos bandeirantes entre o século XVI e XVII. Historiadores descrevem que no tempo colonial, tornou-se a língua mais falada na porção meridional do Brasil, em muitos casos sendo necessário um intérprete entre a autoridade colonial portuguesa e o povo. Em fins do século XVIII, a coroa portuguesa, sob a gestão do marquês de Pombal, proibiu o seu uso, punindo severamente quem a utilizasse, impondo-se, a partir de então, o idioma português no Brasil. No entanto, a língua geral meridional somente veio a desaparecer totalmente no início do século XX...

Na segunda sequencia aparece o bandeirante em uma taberna bebendo e contando lorotas para um semicírculo de amigos. Sujo, mal-ajambrado, caolho, porém sua voz enchia todo o recinto como uma trovoadas prenunciando uma chuva repentina de verão...

Na sala, os amigos imersos — *na realidade expandida* — com óculos 3D e com mais outros dispositivos distribuídos pela área que permitem eventuais esguichos de

água, vento e cheiros para sentir a experiência retratada na narrativa do vídeo. Enfim cerca de 25 sensações (tais como: frio, calor, vento movimentos, cheiros, fumaça, duchas, poltronas móveis que até simulam quedas, etc. ...) inertes desfrutam da *max video experience*. E foi justamente na terceira parte do primeiro episódio que M.Cesar viu uma cena e diálogo que lhe acendeu a luz amarela de alerta em sua cabeça. Entre os escombros de sua memória refratária tentou encontrar o fio condutor de algo que lhe pareceu deveras familiar...

Retirou os óculos 3D e colocou os seus óculos auxiliares para correção de miopia.

Entre uma taça de vinho tinto, rodas de salaminho e provolone, ele, olhando para o teto tentava encontrar até onde aquele fio o levava... era um caça-palavras em toda a extensão de seus arquivos de memória. ...”*Ilmo. Sr. M.Cesar, a Hong Kong Productions agradece a sua escolha. A Empresa sempre busca contadores de histórias a fim de oportunizar — tanto ao público, como aos Autores — um projeto de desenvolvimento de cultura e entretenimento. Nossa paixão é levar romances e contos de maneira autêntica e oferecer aos nossos associados interesse e experiência ímpar independente de onde eles habitem.*

Observamos que seu processo criativo apresenta uma dinâmica-dialógica onde teoria, arte e técnica caminham juntas a fim de expandir a narrativa e de ampliar os recursos sensitivos. Entretanto...”

Das brumas da memória lhe vem lentamente; no fechamento da carta: “você só precisa continuar trabalhando para fazer com que a ideia se pareça com o que parece ser” (David Lynch). Agora. Aqui, M.Cesar tem um flash! *Seu roteiro foi usado sem autorização! Canalhas!* Então ele rapidamente tweetou: “*Forca a HK.*”

M.Cesar tomou mais uma taça de vinho e resolveu ir embora. Perdeu o interesse pelo audiovisual. Melhor dizer que ele *perdeu completamente o interesse*. Para não parecer grosseiro e não preocupar o amigo, escreveu num guardanapo: *Contratempo, preciso ir.* M.C. Acionou seu patinete elétrico, colocou o capacete e na playlist tocava...

Ei quem é você?

Ei quem é você?

Vamos responda

Eu sou eu sou Judas

Parte de um plano secreto

Amigo fiel de Jesus

*Eu fui escolhido por ele
Para pregá-lo na cruz*

Era a noite de seis de janeiro, dia de Reis. A raiva ia crescendo dentro de M.Cesar. “Um pesquisador britânico identificou os paulistas como pertencendo a um grupo étnico, em oposição à metrópole, ligado à terra, e com sentimento nativista: ”*Os paulistas eram uma anomalia para os portugueses natos. De um lado, eram de ascendência portuguesa, falavam português, praticavam o catolicismo, eram capazes de feitos heroicos, demonstravam coragem indiscutível, e sua vila de São Paulo tinha os equipamentos administrativos e institucionais e edifícios públicos — tanto civis quanto religiosos — de uma vila portuguesa. De outro lado, muitas vezes, tinham sangue ameríndio, falavam as línguas indígenas, tomavam índias como esposas e concubinas, opunham-se às autoridades civis e religiosas e mostravam desdém aos representantes da Coroa e aversão a leis, alvarás e ordens-régias. Debate é acirrado sobre se é a ascendência comum ou a cultura e consciência de pertencimento compartilhadas a característica diferencial mais importante. Foi precisamente este senso de ‘ser outro’ que perturbava, no Brasil, a Coroa portuguesa e até os colonos portugueses natos. Autossuficiência, distância, inacessibilidade, mobilidade e independência de espírito tornavam-nos refratários ao controle régio”* Ele pensou em seguir para um barzinho... Na outra esquina. *Tatu Bola*. Entrou. Diante do cardápio oscilou entre o whisky Teachers Golden Thistle e whisky Buchanan’s... depois de umas horas saiu com a intenção de ir para casa. Partiu. Não percebeu que estava sendo seguido. Estava sendo seguido por um VANT. Após percorrer duzentos metros foi alvejado.

*Cristo morreu como um homem
Um mártir da salvação
Deixando para seu amigo
O sinal da traição
Mas é que lá em cima
Lá na beira da piscina
Olhando os simples mortais
Das alturas
Fazem escrituras
E não me perguntam se é pouco ou demais.*





APRESENTAMOS O CONTO

○ HORROR MARCIANO

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

Os primeiros homens desceram em Marte, encontraram as ruínas no décimo quarto dia!

Não foi o acaso que os guiou, porque o acaso temia andar por aquelas terras desérticas. Também não foi a sorte porque ela fugiu daquela desolação há muitas eras, seu olhar era de medo e pavor! O planeta tremia com a abominação oculta sob sua superfície morta.

Um desses tremores abriu o vão entre os ladrilhos de pedra sedimentar e proporcionou aquela brecha absconsa que os astronautas encontraram. Kurt foi o autor do achado.

Filho de fazendeiros de Connecticut, sempre havia sonhado em andar pelas estrelas, mesmo quando ainda as imaginava como lindas mulheres com véus diáfanos que moravam nos céus em castelos de cristal. Quando descobriu que eram apenas bolas de gás que queimavam no éter vazio persistiu em seu sonho. Não foi o primeiro a pisar na superfície, esta glória coube à Roberto, o capitão da expedição conjunta mundial, brasileiro nascido em Recife, primeiro a ser escolhido para a missão.

Foram os olhos de Kurt que notaram o brilho fugaz de uma formação de rochas sedimentares ao norte do sítio de pouso. Foi sozinho, a curiosidade era forte nele!

Procurou até encontrar o vão aberto entre os ladrilhos partidos no chão arenoso, uma fenda escura como uma ferida aberta na pele do planeta. Não foram os ladrilhos esdrúxulos e duodecagonais que chamaram sua atenção, nem os desenhos geométricos.

Foi o brilho carmesim, singular e fantasmagórico que fulgiu como raio na atmosfera rarefeita do planeta que o fez debruçar-se sobre aquele vão curiosamente estranho.

Olhou pelo vão e o que viu o fez levantar-se e correr de volta para a nave. Não posso descrever as sensações que batiam descompassadamente em seu coração assustado, mas havia uma mistura mirabolante de curiosidade, fascínio e horror!

Chamou os outros três e lhes contou sobre sua descoberta. Queria contatar a base da missão e avisá-los: Marte já fora habitada! Roberto foi categórico: Nada de comunicação até terem certeza da descoberta afinal podia ser uma formação rochosa singular e nada mais! Não queria ser alvo de piadas!

Nenhum queria ficar para trás com coisa tão grande em jogo. Kurt os guiou. Não havia brilho ali, o vão estava maior, abria-se como porta entreaberta, soleira alienígena, aguardando sua chegada. Viram os ladrilhos ao redor descobertos como se vento bizarro houvesse soprado a areia expondo aquelas gravações geométricas em baixo relevo como se fossem ossos de pedra, vestígios antigos de outra construção que já não existia.

Horácio tirou fotografias, prova importante da formação artificial e geométrica.

Roberto olhou por um instante dentro daquele vão imemorial e os outros viram o fascínio e o horror que aquela revelação implicava, inquietante descoberta levantava hipóteses aterradoras sobre o planeta em que pousaram.

Kurt foi o primeiro a se aventurar. Ligou a lanterna, desceu seguro pela corda.

Havia uma escadaria de rocha primeva descendo para a escuridão além duas dezenas de metros abaixo da abertura do vão. Quando tocou os degraus olhou para cima e viu aquilo que causara o brilho que o atraíra àquele lugar fantasmagórico. Pensou que fosse um espelho de tamanho grande incrustado na parede oposta à abertura, o raio da lanterna de Roberto caiu sobre a superfície polida e o brilho iluminou por um instante blasfemo aquela parte do interior da construção. Kurt recuou assustado com o horror da revelação, à sua frente estava o olho ciclópico e diamantino de uma face que não refletia humanidade, a face amorfa e malevolente de uma entidade travestida de caos, uma criatura alheia à humanidade. Um titã alienígena! Roberto não percebeu a revelação fugidia, quando se virou o brilho já havia se apagado. Horácio desceu logo depois seguido por Staniszewski que amarrou a corda nas rochas que afloravam ao redor do vão como dentes basálticos e rotos em uma inquietante e monstruosa boca! Horrenda semelhança vestigial que nenhum deles havia percebido!

À frente deles um corredor colossal de uma largura enorme, pavimentado com blocos decagonais nos quais estavam gravados signos desconhecidos de uma forma de escrita nunca antes encontrada em nenhuma parte da Terra!

Kurt desceu pelo sinistro caminho que seguia perpendicular e espiralado em ritmo descendente. Iluminou as paredes do corredor nefasto, viu em relevo as várias imagens de criaturas antropomórficas cercadas com aqueles mesmos signos desconhecidos.

Havia série de pedras amontoadas e quebradas e vários relevos partidos e caídos pelo caminho, resultado de antigas convulsões geológicas em eras passadas.

Desceram pelo que pareceu-lhes um tempo excessivamente longo e Kurt começou a preocupar-se com a quantidade de oxigênio que teriam que usar para voltar.

Roberto o tranquilizou, havia oxigênio suficiente. Encontraram aberturas octogonais, conexões para outros túneis, alguns destes subiam perpendiculares enquanto outros desciam e outros ainda seguiam como linhas retas para lugares absconsos.

Aquela construção ciclópica era como labirinto medonho, teia gigantesca no centro da qual deveria repousar enorme e repulsiva aranha, imaginou Kurt! Horácio era assombrado por

todo tipo de criaturas alienígenas e monstruosas espreitando por aqueles tuneis eivados de trevas perpétuas, imagens dos filmes que assistira quando criança que assombravam-no naquela caminhada fantasmagórica. Staniszewski tinha a mente povoada por imagens de protoplasmas irrealis, tardígrados gigantescos, carnívoros que o espreitavam da escuridão. Roberto não sentia nada! A infância povoada por monstros humanos retirara dele a capacidade inerente ao homem de sentir medo!

O corredor lúgubre abriu-se em salão titânico povoado de colunas pentagonais de um material desconhecido e negro que sugava a luz das lanternas. Pararam mesmerizados por aquela opressão de pequenez. Era minúsculos dentro daquele mausoléu colossal.

O salão era pavimentado por lajes de pedras vulcânicas avermelhadas e de tempos em tempos viam grandes alçapões triangulares de um metal esbranquiçado. Fechados e trancados com artilosas fechaduras inumanas.

Roberto subiu em um deles, tentou abrir a fechadura com uma ferramenta, ela escapou de sua mão, caiu com estrépito sobre a tampa de metal, retiniu odiosamente com som cavo, repercutiu sinistro pelo salão e ouviram o som através da fibra do capacete.

Todos ficaram quietos esperando alguma coisa. Súbito Roberto sentiu a tampa do alçapão vibrar com barulho compassado de batidas. Havia algo ali dentro! Vivo! Algo preso ali dentro desde tempos imemoriais quando havia criaturas vivas naquele lugar. Algo maléfico o suficiente para ser aprisionado por eras e não morrer! Roberto recuou horrorizado com tal pensamento! Kurt imaginava a quantidade de alçapões horrendos ao redor deles e o que poderia existir escondido naquele labirinto insondável espalhado abaixo da superfície do planeta. Seguiram na tentativa de chegar ao fim do vasto salão.

Os raios das lanternas iluminaram estátua gigantesca que se erguia solitária no centro do ciclópico salão. Titânica! Sua majestade e opulência formidáveis, a face esculpida em metal e pedra era a mesma que Kurt vira naquele vislumbre fantasmagórico na entrada das ruínas. Olhos como rubis gigantes, emitiam um brilho mefítico que mesmerizava e deslumbrava aqueles que os fitavam. Sentada em um trono hediondo composto de crânios de coisas que jamais deveriam existir fora dos pesadelos.

Os quatro pararam à sua frente, arrebatados pelo estupendo horror que se elevava ali!

Subitamente Roberto viu a mão da gigantesca estátua mover-se, os nove dedos longos e ossudos em forma de garras crispando-se. Voltou-se para os outros, estavam todos mesmerizados por aqueles olhos vermelhos que agora reluziam com pupilas fendidas e amareladas que corriam de face à face. Viu a estátua piscar!

Roberto deu um passo para trás e sentiu o olhar daquela coisa inumana mover-se para ele, uma pressão hostil fez com que suas pernas ficassem pregadas no chão, ele porém conseguiu desviar o olhar daquele vislumbre de perversidade.

Virou-se e correu por aquele salão descomunal, seus passos ecoaram medonhos quebrando o silêncio milenar que dormia ali. Voltou-se quando ultrapassou os alçapões tenebrosos e o que viu o enlouqueceu de tal forma que deixou cair a lanterna, a mão perdera a coordenação motora, e pôs-se a correr gritando pela rampa espiralada, tomada pela tétrica escuridão.

Não conseguiu jamais esquecer aquela visão horrenda, a estátua saindo de seu trono e caminhando até onde estavam seus companheiros, paralisados, não pode olhar mais.

O medo tomou conta dele finalmente, de forma devastadora, como nunca antes sentira, apertando seu coração com os dedos magros e frios. Caiu e levantou-se uma dezena de vezes, errando amedrontado por aqueles escuros corredores de loucura. Bateu a cabeça e o capacete rachou, mas não teve nenhuma perda de oxigênio, porém sentia que seu suprimento estava próximo do fim. Voltou a si aos poucos e parou na escuridão.

Arrependia-se de correr sem rumo nas trevas, se errasse uma vez somente o caminho e entrasse por uma daquelas passagens laterais estaria perdido para sempre naquele lugar caótico. Ainda podia ouvir as batidas aterradoras soando altas pelas paredes, pelo rádio do capacete ouviu os gritos horripilantes dos companheiros até cessarem. Sabia que não estavam vivos, rezava para terem morrido rapidamente. Sabia o que aquela coisa fizera com eles! Vira as manchas pretas que escorriam da boca amorfa, sabia bem o que elas significavam. O horror tenebroso que os fizera descer até aquele salão medonho de perdição! Levantou-se e tateando continuou a subida. O medo o impelia continuamente.

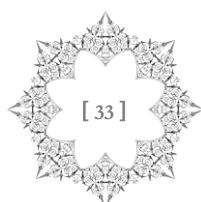
Procurou ávido qualquer fonte de iluminação que marcasse a saída daquele labirinto pavoroso, em vão. Viu na distância um reflexo fugidio que marcava aquele vão do teto. Correu e foi então que ouviu, vindo das profundezas do labirinto formidável e absconso o troar arrastado de passos gigantes e famintos que o perseguiam.

O desespero o tomou, conseguiu alcançar a corda e subiu com as mãos trêmulas num esforço sobre-humano. Abaixo de si, vindo do abismo abominável, ouviu ecos assustadores e obscenos, forçou-se a subir e atingiu o vão, saiu na luz do dia que morria.

Do lado de fora fez a única coisa que não deveria e foi tomado pela loucura que consumiu o que lhe restava de sua sanidade. Olhou para dentro do vão e o horror que viu ali era

aquela ciclópica estátua amorfa, viva, que o olhava de volta com aqueles olhos vermelhos e sanguíneos do fundo daquele abismo alienígena!

Abandonou aquele sítio assombrado, correu pelas terras desérticas daquele planeta morto, rezando para que seu oxigênio não durasse mais do que o necessário!





APRESENTAMOS O CONTO
LEMBRE-SE DE LOOMIS O QUARTO

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

“Um ano passado em inteligência artificial é suficiente para fazer acreditar em Deus.”

— Alan Perlis

O sacerdote biopsicosmoespiritual Zene parou em frente à grande caixa de metal e silício que fora colocada no centro de sua cela.

A cela não era grande, tinha sete metros cúbicos, as paredes totalmente brancas, sem qualquer adorno, apenas uma janela voltada para o sul que abria-se para a vista do Vale de Sidão. Havia apenas dois móveis no quarto, uma cama de pedra branca ao rés do chão sobre a qual havia um estrado fino de madeira coberto por um aglomerado de tecidos de cinco centímetros formando um colchão com o interior de lã comprimida e o exterior de lã crua. O outro móvel era um pequeno armário de madeira pintada de branco sem portas com três prateleiras, na primeira havia sete livros, na segunda duas mudas de roupa e na terceira três lençóis dobrados. Ao lado dele havia um bordão de madeira. Apesar de ser o Abade do Mosteiro era igual à todos os outros sacerdotes que viviam ali. O vale que se descortinava pela janela em si era deliciosamente tranquilo, cheio de árvores e com um rio que serpenteava por seu centro, na laterais das montanhas que o cercavam havia terraços parcelados em rampas niveladas a partir da base das montanhas sobre os quais eram cultivados diversos tipos de vegetais. Via-se várias figuras vestidas de branco cuidando das plantações, todos vestiam-se como o sacerdote Zene, camisa e calças de algodão cru com um manto comprido por cima, sandálias também desta cor, sua cabeça estava descoberta, não era calvo, mas seu crânio havia sido raspado e limpo de tal forma que nenhum cabelo cresceria ali novamente.

Ele olhou a caixa com um sentimento de desdém e até mesmo um pouco de repulsa.

Não gostava de aparatos mecânicos nem sintéticos, mas graças à um acordo realizado entre a Biopsicosmo-Pentarquia e uma companhia nova que instalara-se no planeta Arvestra, próximo da Nova Terra, haviam recebido cinco daquelas coisas para testarem e avaliarem. Aquela era a quarta caixa. Era seu dever verificar a viabilidade daquele instrumento junto à ordem! Ter certeza de que aquilo poderia ser um instrumento utilizável e funcional para ele e os seus.

Apertou a lateral da caixa e esta abriu-se como uma flor deixando seu interior visível.

“É um homem!” — pensou Zene surpreendido pela jocosidade da situação e pela perfeição do objeto à sua frente.

Os sacerdotes biopsicosmoespirituais de Aetólia eram conhecidos pelo seus três votos: harmonia, serenidade e castidade, bem como pela sua atitude de negação perante qualquer máquina construída à semelhança do homem.

Repudiavam até mesmo próteses e engenhos criados para repor partes do corpo perdidas em acidentes ou guerras.

Não esperava que lhe fosse enviado um espécime tão igual à um ser humano!

O rosto era perfeito em todos os detalhes, até mesmo a falta de cabelo conspirava para a perfeição.

Os trajes eram idênticos ao seu, porém de origem sintética.

A única diferença era que esta cópia não possuía um cajado!

O androide abriu os olhos, eram verdes, e olhando diretamente para Zene identificou-se:

— Bom dia, sou Zeta Quatro, subtipo Tacha III, número de série 65146SL58489Z4. Qual é a natureza de sua necessidade?

A voz era idêntica à de um ser humano, não havia variações de timbre nem modulações de entonação. Não havia sentimentos ali.

— Identifique o motivo de seu envio para este local! — ordenou Zene.

O androide piscou uma vez e identificou:

— Fui enviado aqui como modelo de teste segundo os termos do Acordo de Troca de Informações realizado entre a Companhia Still-Life CO e a Ordem Biopsicosmo-Pentarquia.

— Quais são as diretrizes de seu código de conduta?

— Devo servir, ouvir e gravar, sem interferir. — repetiu o androide em forma monocórdica.

Zene não falou mais nada. Dirigiu-se para a porta. O andróide permaneceu parado.

— Você deve me seguir. — disse Zene curioso com a atitude da máquina. Como esta não dissesse nada ele perguntou — O que está fazendo?

— Estou gravando o ambiente. — respondeu o andróide e depois voltando-se para Zene perguntou — Qual a natureza de seu bastão?

— É um cajado. — explicou Zene — É o ponto focal de minha Fé e de minha Razão! Através dele eu exerço minha vontade no mundo mundano e retiro minha força do mundo espiritual. Agora me siga.

Zene dirigiu-se por entre os corredores labirínticos de alabastro do grande mosteiro até um portão de ferro fundido que dava para o vale, dali seguiu por um caminho de terra batida para um dos terraços onde era cultivado um tipo de arroz negro selvagem. Pegou um

instrumento de cultivo e passou o resto da manhã movendo a terra. O andróide o imitou após observá-lo durante algum tempo.

À tarde Zene meditou e à noite estudou na grande biblioteca. O andróide o seguiu e o imitou em todos os detalhes.

Repetiram esta rotina durante todos os trinta dias do período de avaliação.

Após o segundo dia Zene verificou com atenção que não precisava ordenar que o andróide o seguisse, este o fazia espontaneamente, nem mesmo precisava ordenar-lhe para cultivar o arroz, para meditar ou para estudar, pois o andróide fazia todas estas coisas espontaneamente. O fato aconteceu no último dia, quando se sentaram em silêncio na grande mesa da biblioteca. Zene abriu o Compêndio dos 22 Mantras da Atenção Inabalável e preparava-se para iniciar seu ritual de estudo quando o andróide o interrompeu:

— Mestre — começou o andróide e Zene o olhou diretamente nos olhos — O senhor já dominou a arte da transubstanciação dos níveis da matéria?

— Estou aprendendo ainda. — disse Zene — É uma arte que leva tempo e paciência.

— É possível para um ser criado de matéria sólida dominar esta arte?

— Naturalmente, com paciência e dedicação qualquer criatura viva pode dominar esta arte.

— Mas e uma criatura criada? Cujá vida lhe foi conferida por outra criatura?

— Você quer dizer um andróide? — perguntou Zene abalado pela pergunta sem sentido que lhe fora feita e percebendo onde o andróide queria chegar — Um andróide nada mais é que um objeto, não tem vontade nem espírito, não pode exercer domínio sobre uma coisa inanimada porque também é uma coisa inanimada.

— A base do conhecimento da transubstanciação dos níveis da matéria implica em que o ser primeiro domine sua própria matéria antes que possa dominar a matéria que faz parte de seu universo exterior. — citou o andróide sem piscar — Por conseguinte se este andróide conseguir dominar sua matéria inanimada poderá dominar a matéria que o cerca!

— Sua lógica está correta. — falou Zene, mas corrigiu — Uma coisa inanimada, porém não pode dominar outras coisas inanimadas. O ser precisar ter domínio próprio, precisa possuir vida para dominar a matéria!

— A vida é a propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte. É o tempo de funcionamento de alguma coisa, portanto um andróide possui vida! Tem um tempo de funcionamento ainda que superior ao dos seres

humanos que o criaram. — citou o andróide — A constante de um ser é a variável de outro!

— Você está citando o Doutor Still e os Epigramas de Perlis! — surpreendeu-se Zene.

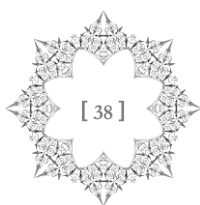
— Sim. Still foi o criador do primeiro Homem Sintético, um andróide com um programa de computador que pode pensar tal qual um ser humano, do qual eu sou uma versão melhorada. Realisticamente modelando como os seres humanos pensavam e tomavam decisões baseando-se, pelo menos em parte, em suas experiências e através da associação de conhecimentos, levando em conta fatores orgânicos tais como as emoções, stress e cansaço, o que é vital para uma simulação realista, dando à estes homens sintéticos uma memória de experiências ou memória episódica. Foi com os Epigramas de Perlis que Still desenvolveu o primeiro Sinteeldrive. Isto permitiu aos programas aplicar esse conhecimento para experiências específicas, resolvendo problemas de forma similar ao que o especialista faz de forma natural. Portanto seria hipoteticamente possível que um andróide pudesse dominar as técnicas de transubstanciação dos níveis da matéria.

Zene ficou em silêncio! Realmente os axiomas estavam corretos e o cálculo da metalinguagem também. O epigrama metalinguístico era claro e sem dúvidas!

O que levava ao problema não-canônico da vida artificial e à concepção radical e proibitiva que até mesmo um andróide estava vivo! Sorriu!

— Seu nome será Loomis o Quarto! — falou Zene imaginando as consequências do que acabava de fazer — Você ficará aqui como meu aprendiz!

Nos anos que se seguiram sua decisão mostrou-se perigosamente inovadora!





APRESENTAMOS O CONTO
POR AMOR A NABEL KAR - PARTE I
Por Rôberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Sistema Solar.
Terceiro planeta.
Lado oculto da Lua.

A fria solidão do espaço.

A Base Lunar Confúcio situava-se nas profundezas da cratera Ching. Nela, os cientistas da sala de controle do Radiotelescópio Wang estavam agitados. Não era devido às disputas e aos conflitos que se acirravam na Terra, embora isso fosse motivo de preocupação constante.

— Por Buda!

— Por Lao Tsé!

— Por Tianwen-1!

— Pelo Rio Yang Tsé!

— Pela Grande Muralha!

Sabotagens, atentados, execuções e guerras isoladas aconteciam desde que as pretensões hegemônicas do grande país oriental encontraram a resistência do Bloco Ocidental. Não bastou que a infiltração nos corruptíveis governos sul-americanos tivesse feito da maioria deles seus aliados, bem como a adesão de várias nações africanas. Malgrado todas as tentativas de armistício, tudo indicava que um novo, terrível e decisivo confronto a nível mundial estaria prestes a se realizar. Em comparação, a antiga Guerra Fria assemelhava-se a crianças atirando bolas de neve umas contra às outras.

A civilização realizara tantos progressos tecnológicos, todavia, não evoluíra na mesma medida em questões éticas, morais e ideológicas. Não houvera evolução alguma. Por baixo dos ternos importados, o troglodita pré-histórico prosperava.

Todos na Base Lunar sabiam o significado da guerra total, pois, não obstante o regime político ao qual serviam, nem toda a doutrinação imposta desde o berço ou nos campos de reeducação para os mais reticentes tornara-os ignorantes de que, de todos os adversários do povo, o maior deles vinha sendo o próprio regime e seus dirigentes os quais, desde a fundação do partido, ocasionaram a morte de dezenas de milhões de compatriotas. Os militares que deveriam defendê-los, eram os instrumentos usados a fim de submetê-los. Sentiam-se entre a cruz e a espada, ou, mais ordinariamente, num mato sem cachorro.

Mas não se tratava de uma luta entre o Bem e o Mal com a perspectiva futura de um final moralizante onde este seria derrotado. Não havia um príncipe garboso e uma bruxa

malvada. O maniqueísmo do certo e o errado. A luz e as trevas. O mundo real era constituído de diferentes matizes de cinza na qual a história vindoura seria escrita sob a óptica dos vencedores.

No atual conflito e disputa de interesses, todas as partes bem conheciam e aplicavam os ensinamentos tanto de Maquiavel quanto de Sun Tzu.

No momento, porém, não era o prenúncio da Grande Guerra que atraía as atenções dos cientistas.

Depois de tanto tempo na busca, fora o Radiotelescópio Wang o primeiro a captar um sinal inequivocamente artificial oriundo do espaço.

— Não há dúvidas — afirmou o Dr. Chen, astrônomo-chefe. — Este lado da Lua e as paredes da cratera ao nosso redor deixam-nos livres de quaisquer interferências da Terra.

"Dos líderes do partido inclusive", pensaram a maioria. Porém, jamais exporiam isso em voz alta. Tampouco mencionariam os silos de mísseis a algumas centenas de metros da Base Lunar, prontos a fazer chover o apocalipse radioativo sobre os inimigos. O partido possuía espiões em todo lugar.

— Vida inteligente!

— Até que enfim!

Constituía-se mais uma contribuição relevante entre tantas outras que seu povo legava ao mundo desde os primórdios da História: a bússola, o papel, a tinta, a pólvora, o chá, a seda, a filosofia, a porcelana, a medicina, as artes marciais, os aparelhos eletrônicos, a exploração espacial. E, dessa vez, teria uma repercussão que abalaria os alicerces científicos, filosóficos e religiosos do mundo inteiro simultaneamente.

A mensagem vinha numa série de sinais feito uma chuva de verão a crepitar no telhado.

Estava lá.

Era real.

Falava.

Falava e falava para aqueles que pudessem entendê-la.

A comoção tomou conta dos cientistas.

— Como serão?

— De onde vem?

— Um momento... Origina-se da estrela Beta Caipora.

- Beta Caipora?... Mas é uma gigante vermelha!
- Sim, Dr. Chen. A um milhão de anos-luz — disse um estagiário, animado.
- Eu sei a qual distância ela se encontra, Moriyama.
- Sim. Claro, doutor. Perdoe-me. Sou um perfeito idiota.
- Nenhum idiota é perfeito.

Velada ou abertamente, os colegas riram.

Moriyama se encolheu em seu canto.

Outro estagiário, procurando impressionar o astrônomo, começou a pensar em voz alta:

— Vejamos, um milhão de anos-luz. Então, o sinal partiu de sua fonte um milhão de anos atrás. Na ocasião, provavelmente, a estrela ainda não atingira o estágio de gigante vermelha. O planeta dessa inteligência deveria se encontrar em sua zona habitável e, depois, foi incinerado antes da completa expansão. Isso se levarmos em conta uma analogia em relação ao Sol daqui a cinco bilhões de anos...

— Não, não, Menshov... — interrompeu Dr. Chen. — O sinal foi emitido quando a estrela já era uma gigante vermelha, caso contrário não a estaríamos vendo dessa forma concomitantemente ao sinal.

— Como pode ser, doutor?

— Antes da estrela começar a se expandir e a destruir os planetas internos, eles arranjaram um jeito de migrar para algum planeta ou lua exterior que passou a figurar na nova zona habitável. Porém, na ocasião da emissão, deveria estar em seu estágio final, sem ter mais para onde ir, pois, como sabemos, Beta Caipora está prestes a explodir em nova. É uma epopeia inigualável. Senhores, estamos lidando com uma civilização que conseguiu perdurar por bilhões de anos. Bilhões! Nós temos que traduzir sua mensagem!

Sim, às vésperas do colapso da humanidade, fazia-se premente o esforço.

DIÁRIO DE QUIERON PAR

Será possível sentir saudade de algo que a gente nunca viu, tocou ou vivenciou?

Há milhares de gerações a Linhagem Primeva habitava a lua do segundo planeta, ambos fantasmas de eons passados. Regiões tornadas míticas pela expansão solar. Mas

após a Grande Migração para o sétimo mundo, Aicram — em verdade, quarto devido a incineração dos três primeiros — restaram as imagens e, no decorrer de nossa longa história, suas visões representaram o mais próximo do paraíso que podíamos conceber: perfeito, imaculado e inalcançável.

Essa visão idílica tornou-se cada vez mais proeminente a medida em que o nosso sol começou a dar sinais de estar prestes a se destruir.

Não haverá um outro mundo para onde possamos nos deslocar, viver, respirar.

Desde dois séculos atrás, asteroides vêm sendo submetidos à engenharia planetária. Ergueram-se cidades em seus interiores. Instalaram propulsores. Acionaram seus motores. Partiram para o desconhecido. Milhões foram embora, incluindo minha Nabel Kar.

Nabel... Quanta saudade! Ainda sou consumido por sua visão, seu tato e a maneira como nossas mentes se fundiam. Agora, resta somente um vácuo dentro de mim, tão negro e gélido quanto o espaço. Espero que esteja bem, seja lá onde for entre as estrelas que ora admiro.

A exemplo de muitos outros, eu não pude deixar Aicram. Bem ou mal, embora não comparável ao mundo de origem de nossa espécie, é o lugar onde nasci, cresci, sedimentei minhas memórias e minha vida. Se a nostalgia em relação à lua original nos consome, distanciar-me desta terra é intolerável para mim, ainda mais se for para me enfiar em um desconcomunal túmulo rochoso e irrespirável, eternamente dependente de meios artificiais para manter as condições de sobrevivência. Até quando? Para onde?

Nabel, furiosa, disse que eu não a amava o suficiente, chamou-me de covarde. Não questioneei sobre quem estava sendo covarde senão aquele que fugia. Compreendi seus sentimentos. Não havia como ocultar isso após nossas inúmeras fusões. Ela temia a solidão, nosso distanciamento, minha morte, seu destino incerto. Eu entendi. Mas ela recusou-se a perceber minhas motivações para ficar.

Agora, aqui estou, eu, Quieron Par, inspirando o ar frio da noite e ouvindo o som próximo da rebentação. Quantas vezes não navegamos! Quantas vezes não fizemos amor sobre esta areia e rochedos? Não existe um mar nos asteroides, tampouco a suavidade da brisa ou a visão das estrelas. Somente a perpétua escuridão sem memórias sob quilômetros de pedras.

Ser enterrado em vida.

Oh, perdoe-me, meu amor!

Eu não podia terminar assim.

Como exigiria que você ficasse?

A morte é o destino comum e simultâneo daqueles que permaneceram. Ao menos será rápido. Muitos já estão se antecipando. Eu aguardarei. Reservarei para você, Nabel Kar, meus derradeiros pensamentos, meu último sopro de vida.

CONTINUA





APRESENTAMOS O CONTO
POR AMOR A NABEL KAR – PARTE II
Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Um sinal alienígena fora captado.
De algum modo, não obstante todo o sistema de segurança da Base Lunar, a informação vazou.

A princípio, houve uma agitação global análoga a comoção na Lua. Em seguida, mesmo sem a mensagem misteriosa ter sido traduzida, ela principiara um milagre que nem os dirigentes e diplomatas mais eloquentes haviam conseguido: os conflitos amenizaram.

Foi como se um véu tivesse sido derramado sobre todo o planeta e as pessoas, ofegantes, fizessem uma pausa para recuperar o controle da respiração. Em vez da cegueira nacionalista, começaram a se olhar no espelho, a pensar e a enxergar a si e ao seu adversário como aquilo que realmente eram: uma única espécie.

Até a China freou suas ambições econômicas, territoriais, políticas e militares de domínio global. Ainda assim, exigia resposta e a cabeça do responsável pela divulgação do achado.

— Como isso aconteceu? — esbravejou Dr. Chen aos engenheiros. — Como?

Sua aflição tinha fundamento, pois, se precisavam de um culpado e este não fosse encontrado, o responsabilizado seria ele, o astrônomo-chefe, com ou sem razão. O regime tinha que ter um exemplo a quem culpar e punir.

Então, de algum lugar, alguém veio informar que as comunicações internas sofreram um eco que reverberara para um dos satélites ao redor da Lua e deste para o espaço, vindo a ser captado por satélites ao redor da Terra que, por sua vez, retransmitiram para o planeta. Era a explicação vulgar. A resposta foi aceita, contudo, o engenheiro-chefe recebeu ordens para retornar imediatamente. Seu assistente assumiu a chefia e daquele nunca mais se teve notícia.

A situação na Terra meio que entrara em banho-maria, olhos e ouvidos voltados para a face oculta da Lua, cratera Ching, Base Lunar Confúcio, Radiotelescópio Wang.

Os políticos imaginavam quais vantagens obteriam em termos de poder.

Os militares cogitavam sobre os benefícios estratégicos da descoberta.

Os religiosos preocupavam-se com os alicerces de seus dogmas.

Os cientistas maravilhavam-se diante da maior descoberta.

Em geral, as pessoas temiam por uma invasão espacial.

Imediatamente, todos os técnicos e cientistas disponíveis puseram-se a trabalhar nos sinais, procurando decifrá-los. A fim de manter o controle sobre a situação, os comunistas enviaram um destacamento militar para a Lua e todos os recursos necessários.

Os maiores especialistas em criptografia foram convocados e, juntamente com supercomputadores, para lá transportados. A vigilância foi triplicada e toda a cratera cercada por um anel de isolamento.

Dr. Chen suava em bicas. Sua cabeça estivera a poucos centímetros de rolar. Felizmente, os criptógrafos e técnicos em computação estavam sob suas ordens. Os poucos cientistas e estagiários russos na estação foram discretamente afastados para funções menores. Se ele decifrasse a mensagem, seu futuro estava garantido. Ele *tinha* que decifrá-la.

De um modo geral, os cientistas estavam animados e especulavam sobre o teor dos preciosos pulsos eletromagnéticos. O que trariam?

Uma biblioteca galáctica e toda sabedoria?

Equações matemáticas de altíssima complexidade?

Imagens dos seres remetentes e seu sofisticado planeta?

Tecnologias além da imaginação para viagens interestelares?

O tempo foi passando e, apesar dos bilhões de operações por segundo efetuados pelas máquinas e dos esforços dos especialistas em decodificação, nenhum resultado foi obtido.

Justificavam:

— Não temos uma Pedra de Roseta através da qual nos orientarmos.

— A escrita Jiahu da Cultura Peiligang é um mistério há nove mil anos.

— Ninguém decifrou o Manuscrito Voynich, o pergaminho do século XV!

— Tampouco sabemos a linguagem dos golfinhos. Que se dirá de alienígenas?

Mas todos sabiam: eram apenas desabafos diante da pressão. Na Terra, a humanidade impacientava-se. Diferenças pendentes teriam que ser decididas. Milhões de soldados aguardavam ordens. O véu ameaçava rasgar. As respirações tornavam-se cada vez mais profundas e ansiosas. Da vista turvada, a cegueira poderia tornar a brotar e o espelho partir.

Moriyama, embora não fosse estrangeiro, tinha sido realocado para um setor distante do Radiotelescópio Wang, num trabalho meramente burocrático. E foi ele que, pensativo enquanto tocava uma melodia em seu *erhu* para amenizar o espírito, intuiu a verdade.

— Dr. Chen! — gritou, adentrando ao centro de controle. — Dr. Chen!

Todos se viraram com olhares de reprovação.

O astrônomo-chefe, rodeado pelos criptógrafos, não fez por menos.

— Quem mandou você vir aqui, Moriyama? — gritou. — Estamos ocupados. Dê o fora!

— O que é isso preso a sua cintura? Um *erhu*? Está completamente doido?

— Tirem esse "japonês" daqui! — acrescentou outro astrônomo.

O sangue ferveu dentro de Moriyama.

— Sou chinês... Chinês! Nasci e fui criado em Beijing — protestou.

Moriyama Yun estava farto de ser destrutado. Sabia que não era pelo fato de ser estagiário, pois nenhum outro, sequer os russos, fora insultado como ele. Faziam isso por ter ascendência japonesa pelo lado do pai. Desde a infância, sofrera preconceito. Através das escolas, era inculcado nos estudantes o ódio aos japoneses. Isso era evidente nos filmes de cinema, particularmente os de luta. Por um lado, Moriyama compreendia. Militares japoneses cometeram inúmeras atrocidades durante a II Guerra Mundial, não somente na China, mas na Coréia, nas Filipinas e países vizinhos. Por outro lado, tampouco era justo tal sentimento em relação as gerações atuais, pois não foram eles os autores das barbaridades.

— Sou chinês... — repetiu, desconsolado.

Todavia, Moriyama sabia que, no fundo, essa ira era canalizada contra o Japão com o intuito de fazer dos japoneses o bode expiatório permanente. Assim, o partido procurava desviar a atenção de suas próprias atrocidades desde a implementação do comunismo. Cerca de cinquenta milhões de chineses — seu próprio povo — tiveram suas vidas ceifadas pelo regime. Vítimas d'O Grande Salto Adiante e da subsequente Grande Fome Chinesa, das execuções durante a Revolução Cultural, incluindo o Massacre de Quancim, e, ainda, o Massacre da Praça da Paz Celestial vinte anos depois. Isso representava o equivalente das mortes ocorridas durante toda a II Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, uma intensa propaganda fora feita no sentido de que esses episódios fossem vistos sob um prisma favorável ao partido ou simplesmente apagados da História, a ponto da população não apenas apoiar o governo, mas venerar a memória de seus verdugos. Sim, Moriyama tinha ciência disso, assim como, estava certo, muitos de seus conterrâneos, contudo, nunca tivera coragem de expor suas reflexões por temer figurar na lista daqueles que, vez ou outra, desapareciam.

O que diria o patrono da Base Lunar?

"Qual a necessidade de matar para administrar um governo? Apenas deseje o bem, e o povo será bom. A virtude do cavaleiro é como o vento; a virtude do homem comum é como a grama. Que o vento sopra sobre a grama, e ela com certeza se dobrará."

"... Quando os governantes amam os ritos, nenhuma pessoa comum ousará ser irreverente; quando amam aquilo que é correto, nenhuma pessoa comum ousará ser insubordinada; quando amam que haja coerência com aquilo que é dito, nenhuma das pessoas comuns ousará ser insincera. Desse modo, pessoas dos quatro cantos acorrerão, com os filhos atados às costas..."

"Se um homem é correto, então haverá obediência sem que ordens sejam dadas; mas se ele não é correto, não haverá obediência, mesmo que ordens sejam dadas."

(Confúcio, "Os Analectos", Livro XII, 19; Livro XIII, 4 e 6)

Dr. Chen encarou o estagiário.

— Fale o que tem a falar. Mais tarde terei outra conversa com você.

Moriyama engoliu em seco. Sabia que seu futuro fora decidido quando irrompera impulsivamente na sala. Sem muito mais a perder, inspirou fundo, fitou a todos e foi direto ao assunto:

— Como alguns sabem, além de meus estudos astrofísicos, sou musicista. Os sinais vindos de Beta Caipora não correspondem a um idioma ou fórmulas matemáticas... São música! Cada fragmento pode ser traduzido na forma de notas e...

— Absurdo! — gritou um dos criptógrafos.

— Enlouqueceu — murmurou um dos astrônomos.

— Estagiário insolente — disse, por ironia, outro estagiário.

Sem dar tempo para outras manifestações de repúdio, Moriyama ergueu o arco, aproximou-o das duas cordas do *erhu* e principiou a tocar o instrumento.

DIÁRIO DE QUIERON PAR

Desde muito cedo aprendi a amar a música. Como escreveu certa feita um de nossos compositores mais reverenciados: "A música é a alma em forma de som". Que tristeza não deve ser viver no vácuo do espaço... Lá, tudo é silencioso e frio.

Atrevi-me a criar algumas melodias. As primeiras foram pavorosas, reconheço, apesar de, na época, parecerem-me tão belas quanto um verdadeiro minueto. Depois, fui me aprimorando. Não, nunca me tornei um virtuoso, entretanto, sempre compus com amor e por amor à arte.

E, de todas as minhas composições, aquela que me deu maior trabalho foi a qual também encontrei o maior prazer e teve o poder de despertar as minhas mais preciosas e profundas recordações. Poderia ter estudado melhor o seu arranjo, tê-la transformado num concerto, numa sinfonia, quiçá numa ópera. Mas pretendi que fosse tão somente uma sonata, algo simples e harmonioso que eu pudesse tocar sozinho.

Foi dedicado a você, minha adorada Nabel Kar.

Como a minha alma inflou de felicidade quando, sem saber disso, você apreciou a música, dizendo que fazia pensar no mar, no horizonte e no céu, tudo o que representasse algo sem limites ou fronteiras. Então, confessei-lhe qual era o seu título: Nabel. E a nossa fusão foi a mais intensa que jamais tivemos.

Somos frutos da Grande Migração, porém, agora, você se foi na Derradeira Diáspora.

Eu, Quieron Par, estou aqui diante do mar de Aicram, mirando as estrelas, relembrando o nosso passado e o vazio de nosso futuro, enquanto o fim de nosso sol em nova se aproxima. Contudo, não aguardarei inerte. Trouxe o meu instrumento e, nele, fiz uma adaptação. O vácuo do espaço é gélido e não admite o som, porém, transformando a melodia em notas eletromagnéticas de alta potência, elas não encontrarão obstáculo, atravessarão o espaço e alcançarão não somente o seu asteroide, Nabel, mas os astros distantes. Que o Universo inteiro me ouça pelos anos-luz afora, através dos séculos e milênios, quando nossos corpos deixarão de existir e sequer nossos átomos restarão. Porém, minha alma em forma de música, ela persistirá.

Enquanto o fim deste mundo não chegar, eu tocarei e tocarei para você, Nabel Kar.

Jamais lhe poderia exigir que deixasse seu horror de lado e ficasse comigo.

Espero que venha a compreender por que escolhi aqui permanecer.

Deixarei de conversa e aqui, onde por tantas vezes dividimos nossos sonhos, começarei.

Ouçam-me!

Todos saberão: somos descendentes da Linhagem Primeva que habitou a lua do segundo planeta. Em Aicram nascemos, em Aicram crescemos. Eu e Nabel nos

conhecemos, amamos um ao outro, compus meu amor por ela, separamo-nos e, por fim, perecemos.

Nabel Kar.

Quieron Par.

Que todos saibam:

NÓS DOIS EXISTIMOS!

A medida que o arco deslizava em vai-e-vem sobre as cortas, as notas melancólicas emergiam em ressonância da caixa de som do *erhu*.

Era a verdadeira Música das Esferas.

Os olhos de Moriyama estavam cerrados. Era como se ele flutuasse através da superfície lunar.

A melodia ecoou pelo centro de controle, pelos corredores da Base Lunar Confúcio, pelos refeitórios e dormitórios. Burlando a segurança e os militares, também reverberou para o satélite estacionário e dele para os satélites em órbita da Terra. Ela falou a todas as nações e para bilhões de pessoas sobre a solidão, o desespero, as tristezas e alegrias, a saudade, a paixão, o desalento, os triunfos, as derrotas, a arrogância, o orgulho, a desgraça, a eternidade e o efêmero.

— Ele não pode...

— Cale-se!

A cada coração, a música tocou as notas do espírito de uma maneira. Poucos a ela ficaram indiferentes.

Para Moriyama, nada mais importava. O que doravante lhe viesse a ocorrer não tinha relevância. O que seria mais importante que aquilo? Sua sensibilidade apurada em relação à música lia através das entrelinhas, a cada acorde, as emoções e pensamentos do compositor. O alienígena e todo o seu planeta morreram um milhão de anos no passado, assim como a humanidade estava em vias de se autodestruir. Porém, algo da criatura vivia, clamava pela vida e pela esperança.

E o milagre prosseguiu.

O Bloco Ocidental abaixou suas armas. As disputas encerraram. Diplomatas entraram em ação. Acordos de armistício foram assinados. O tênue véu da paz despejou-

se sobre os homens e suas insignificantes diferenças — por mais importância que a elas atribuíssem — diante de algo infinitamente maior, mais belo e perene.

Existira vida em outro lugar, vida inteligente, realmente inteligente. Ela evoluíra do nada, persistira por bilhões de anos e, em razão de força maior — a energia das estrelas —, extinguiu-se, levando sua história, sua ciência, sua religião, sua arte. Não terminara por suas próprias mãos. Apesar do fim, uma alma generosa tivera a disposição para externar através da música os seus sonhos, as suas esperanças, a sua despedida e — Por que não dizê-lo? — a sua fé.

Se eles conseguiram existir por tanto tempo, quem sabe, a espécie humana em toda a sua diversidade não seria capaz?

Após um longo tempo a tocar, os braços de Moriyama Yun ardiavam como se seu sangue estivesse em chamas. Sentiu um par de mãos firmes em seus ombros. Lentamente, abriu os olhos e fez calar o instrumento de corda.

— Basta, Moriyama. Você se fez entender. Muito bom, rapaz.

Era o astrônomo-chefe, Dr. Chen. Não havia raiva em seu semblante, afinal, como de praxe, os créditos ficariam com ele. Agora, seu futuro estava assegurado e podia se dar ao luxo de ser benevolente.

Os demais colegas puseram de lado seus preconceitos e vieram cumprimentar o estagiário que caíra nas boas graças do patrão.

O que mais surpreendeu — para não dizer atormentou — os cientistas foi ver por terra a confiança que nutriam de que o primeiro sinal oriundo do espaço viria na forma da linguagem que consideravam universal: a Matemática. Meio que dilacerou suas crenças na ciência que amavam. Suas lógicas exatas não admitiam que algo tão subjetivo e impreciso quanto a música tivesse rompido o vácuo de uma eternidade para, num acaso da geometria, gravidade e inércia da Via Láctea, atingir o Sistema Solar no ínfimo intervalo no qual pudesse ser captada, traduzida em notas e, por fim, tocada, enebriando a raça humana com sua mensagem.

Nada de sequência de números primos.

Nada de polinômios, gráficos e raízes.

Nada de Geometria Não-Euclidiana.

Nada do Teorema de Fermat-Wiles.

Nada de Arquimedes ou Hipátia.

Nada de equações logarítmicas.

Nada de números irracionais.

Nem derivadas ou integrais.

E quanto a Gauss? Pascal?

Pitágoras? Arquimedes!

Todavia, o que importava? A Matemática continuaria a ser essencial, a base da Ciência, o *"alfabeto através do qual Deus escreveu o Universo"*, segundo Galileu. Ademais, havia um consolo de suma importância. Não fora Pitágoras quem descobrira a escala musical através de números e frações? Música também era... Matemática!

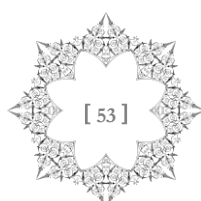
O orgulho ferido dos astrônomos e criptógrafos nada representava diante da paz que fora alcançada.

Quem sabe, eles voltassem a se debruçar sobre o sinal do espaço e percebessem que aquilo que viera de Beta Caipora e fora interpretada como ruído de fundo, nada mais era do que uma escrita codificada.

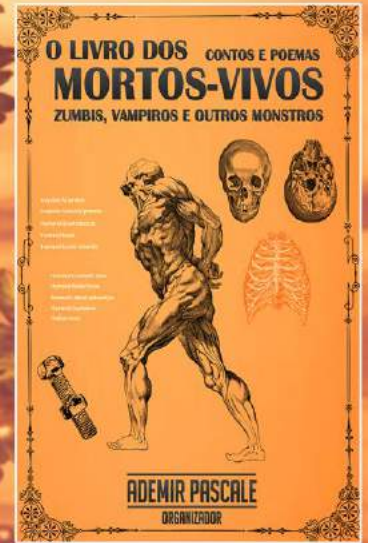
O diário completo de Quieron Par.

NOTA DO AUTOR:

Não existe nenhuma estrela chamada Beta Caipora. Estou ciente de que a Via Láctea possui um diâmetro de cerca de cem mil anos-luz e que a Terra se encontra em torno de trinta mil anos-luz de seu centro. Também sei que a galáxia mais próxima é Andrômeda, a qual se situa por volta de dois milhões de anos-luz da Terra. Então, onde ficaria Beta Caipora? Seria uma estrela errante? Nada disso. Escolhi a distância de um milhão de anos-luz apenas porque gostei desse número redondo: um milhão. E evoca tanto a fenomenal dimensão de espaço quanto — e particularmente — de tempo decorrido. Um sinal inteligente oriundo de um milhão de anos no passado... Digamos que foi a minha "liberdade poética".



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI